

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ELINA MÁRCIA DE SOUZA

**O KIT DE LITERATURA-AFRO: QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS
RACIAIS.**

Belo Horizonte

2012

ELINA MÁRCIA DE SOUZA

**O KIT DE LITERATURA-AFRO: QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS
RACIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Eustáquio de Brito

Belo Horizonte

2012

ELINA MÁRCIA DE SOUZA

**O KIT DE LITERATURA-AFRO: QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS
RACIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): José Eustáquio de Brito

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Eustáquio de Brito – Universidade do Estado de Minas Gerais

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho consiste na investigação de como e em quais circunstâncias se dá à inserção de personagens negros nos livros de literatura, mantendo o foco na desconstrução dos estereótipos e conseqüentemente possibilitando aos participantes uma visão crítica e reflexiva no campo das Relações Étnico-Raciais, no sentido de valorizar a figura do personagem negro tendo como recurso literário alguns livros dos kits de literatura-afro distribuídos à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Busca-se contemplar a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, uma vez que este assunto ainda é visto com certa resistência no interior de alguns estabelecimentos de ensino ou, algumas vezes, sequer é mencionado. O trabalho volta-se para professores e educadores de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, sendo desenvolvido na modalidade de oficina com aproximadamente duas horas de duração. Trabalhar a desconstrução desses estereótipos na literatura é oferecer ao aluno uma possibilidade de identificação, reconhecimento, pertencimento racial e a percepção de que ser negro tem o seu valor.

Palavras-chave: Estereótipos, Literatura-Afro Brasileira; Identidade Racial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetivos da pesquisa.....	9
2. DESENVOLVIMENTO	10
2.1 As relações raciais no Brasil	12
2.2 A educação e as relações étnico-raciais	15
3. METODOLOGIA.....	17
3.1 Procedimentos e sujeitos envolvidos	19
3.2 Resultados	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
6. ANEXOS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar na elaboração do plano de ação, veio-me o desejo de desenvolver algo que tivesse o foco voltado para a literatura afro-brasileira, um universo que vem fazendo parte do meu dia-a-dia e por estar diretamente ligada a um vasto campo da literatura, pois, a literatura, as imagens e as linguagens visuais, assumem um importante papel no estabelecimento de ensino por constituírem os “conteúdos de ensino”.

Exercendo a função de auxiliar de biblioteca estou sempre muito próxima aos livros que chegam para compor o acervo e é um prazer receber e apresentar estes livros para a comunidade escolar, principalmente, os de literatura afro-brasileira, que são meus objetos de estudo nesse plano de ação.

No cotidiano do trabalho na biblioteca, deparo-me com as seguintes questões: como trabalhar a literatura afro-brasileira tendo como ponto de referência o trabalho que já venho desenvolvendo na escola, porém, extrapolando a rotina e as quatro paredes da biblioteca, de forma a levantar questões mais pontuais, direcionadas e reflexivas no campo das Relações Étnico-Raciais? Como atingir não somente os alunos, mas também e principalmente, os professores?

Neste contexto, veio-me uma pergunta que surgiu durante uma atividade proposta pelo professor e orientador José Eustáquio: como o negro ainda é visto no Brasil? E trazendo para o foco deste trabalho: como o negro ou os personagens negros são representados e inseridos na literatura brasileira?

É sabido que essa inserção, nos dias atuais, vem aos poucos se apresentando de forma positiva, mas ainda muito tímida. Os próprios livros didáticos são prova disso, porém, não serão objetos de estudo neste momento.

É visível nas escolas públicas um investimento institucional com relação aos livros que abordam o tema das relações étnico-raciais. Porém, mais que investir, é necessário e imprescindível que os órgãos competentes e responsáveis pela

escolha e distribuição desses livros, como o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), por exemplo, tenham um cuidado minucioso ao analisar quais livros serão incorporados ao kit. Ater-se somente ao tema da africanidade pode ser uma armadilha ou talvez uma estratégia, nas entrelinhas, sob o prisma da preservação da hierarquia social presente na sociedade brasileira, ditando as regras no mercado editorial.

Muitas vezes, os livros de literatura, tendem a reforçar os preconceitos que passam despercebidos de tal forma a mascarar os estereótipos, tornando difícil a identificação dos mesmos. Em alguns momentos, as formas de discriminação são sutis, em outros, assustadoramente perversas, com personagens estereotipados e fortemente desumanizados. Como analisa Silva, “uma das consequências da internalização dessa representação desumanizada é a rejeição das pessoas não negras aos afrodescendentes”. (SILVA, 2001, p.37).

Uma discussão recente vem levantando polêmicas com relação à obra do escritor Monteiro Lobato intitulada: “Caçadas de Pedrinho”, que traz em suas páginas estereótipos raciais que nos anos 30, (ano de sua publicação), poderiam ter sido aceitos, porém hoje, diante aos avanços no campo das Relações Étnico-Raciais, veiculam expressões de racismo que precisam ser combatidas.

É justamente nos anos 30, no século XX, que os personagens negros vão surgir na cena literária. Por isso, é importante estarmos atentos ao contexto histórico de um período onde a sociedade acabara de vivenciar um dos fatos mais vergonhosos e humilhantes da história: a escravidão africana, que contribuiu para que estes personagens fossem representados de maneira negativa e pejorativa.

Não há dúvida de que a literatura infantil contemporânea apresenta uma imagem positivada do negro. Contudo, as marcas de séculos de inferiorização não podem ser apagadas em algumas décadas. Os estereótipos desfavoráveis e as imagens depreciativas ainda aparecem na literatura infantil porque o racismo ainda ronda a sociedade brasileira. (FRANÇA, 2008, p.111).

As manifestações de preconceitos e de invisibilidades com relação ao negro estão presentes o tempo todo na escola, o que é muito contraditório, pois, aquela que

inclui, também tem um forte poder excludente, reproduzindo desigualdades e discriminações como algo natural, desconsiderando as diferenças raciais existentes.

Quanto mais o aluno aproxima-se do fenótipo negroide, mais preconceitos ele tende a sofrer e quanto menos ele se identifica com aquilo que lhe é apresentado durante toda sua vida, seja através dos livros, da mídia e dos comportamentos, maiores as chances de rejeição e negação de si mesmo. Dessa forma, Silva observa que “é natural à rejeição a algo considerado ruim. A rejeição aos cabelos crespos por muitas crianças e adultos negros é resultado da atribuição de ruim que lhes é imposta pelo estereótipo”. (SILVA, 2001, p.38).

Diante das diferenças e das multipluralidades, a literatura africana apresenta-se como um instrumento, para o professor capaz de abordar vários aspectos no campo das relações étnico-raciais e propiciar ao aluno várias formas de identificação, reconhecimento e pertencimento cultural através dos personagens e das histórias, bem como trabalhar os inúmeros conflitos raciais existentes no interior da escola.

Em função da percepção desse problema e tendo em vista o potencial apresentado pela literatura afro-brasileira, propus o desenvolvimento do plano de ação voltado para professores, monitores que trabalham no Programa Escola Integrada e também os monitores acompanhantes dos alunos da inclusão, que são alunos com necessidades especiais, totalizando 30 participantes.

Infelizmente, o próprio professor, muitas vezes inconscientemente, reforça e reproduz o racismo e o preconceito. O silenciamento diante de algum conflito racial entre alunos é uma das formas recorrentes no ambiente escolar pelo fato do professor não saber lidar com estas questões, por este motivo, o mais “sensato” na visão dele, é continuar escrevendo no quadro sem nenhuma intervenção.

1.1 Objetivos da pesquisa

- Refletir criticamente sobre a presença de estereótipos raciais na literatura brasileira.
- Apresentar à comunidade escolar uma forma de traduzir as diretrizes contidas na lei 10.639/03, que trata da educação das relações étnico-raciais.
- Possibilitar, através de uma oficina, o estudo e conseqüentemente a desconstrução dos estereótipos negativos dos personagens negros, criada ao longo da história através de análises críticas e reflexivas capazes de investigar as representações sociais atribuídas aos negros como os trabalhos subalternos, os personagens desumanizados, ou seja, personagens associados a animais.
- Propiciar a positividade e a valorização do negro após reflexões sobre os estereótipos e a função deles na sociedade, trazendo o personagem negro como participação ativa e como sujeito da história tendo como referência alguns livros do kit de literatura afro.
- Apresentar e refletir a influência da cultura africana na sociedade brasileira.
- Analisar criticamente textos e imagens veiculados no cotidiano para que, a partir de uma interpretação coletiva, seja possível problematizar seus conteúdos racistas.
- Contribuir para a desconstrução de estereótipos raciais a partir da valorização dos personagens negros do Kit de literatura afro-brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO

“É notável a ausência de colaboradores negros nos movimentos de inovação literária das décadas de 1920 e 30”. (BROOKSHAW, 1983, P. 171)

Para Brookshaw, (1983), um fator que contribuiu positivamente na ausência de escritores negros na cena literária brasileira foi o fato de uma não organização política dos negros diante de uma falsa democracia racial após o processo abolicionista, que resultou, também, numa falsa liberdade. O racismo existia, porém velado, o que não ocorreu nos E.U.A. A segregação institucionalizada propiciou aos negros da América do Norte, uma união e uma organização com uma força política bastante significativa, o que contribuiu para a participação positiva do negro em todas as áreas, inclusive na literatura.

No Brasil, a literatura pós-abolicionista foi marcada por interesses econômicos e decisivamente, não humanitários. Isso, talvez venha explicar o caminho sombrio percorrido pelos personagens negros na literatura, bem como, os estereótipos negativos a eles fabricados e também impostos.

É importante salientar que muitos escritores abolicionistas republicanos, e muitos deles, mestiços, não estavam interessados na questão racial ou do negro em si. Estavam preocupados com o progresso econômico e tecnológico, o que não condizia com o trabalho escravo. A literatura obedecia aos padrões europeus, ou seja, uma literatura branca escrita por mãos negras, defendendo e apoderando valores brancos.

Machado de Assis, um dos nomes mais importantes da cena literária brasileira do século XIX é um exemplo de escritor mestiço que adotava em sua escrita uma postura erudita. Segundo Brookshaw (1983), sua obra não apresentava preocupação com questões raciais ou com a escravidão que ele ainda presenciou.

O casamento com uma moça branca da alta burguesia propiciou-lhe uma forma de

“embaquecimento” rendendo-lhe aceitação e ascensão diante da burguesia carioca. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Para Brookshaw (1983,) a impressão que se tem é que Machado de Assis foi um exemplo de mulato que dedicou sua vida a uma aceitação da burguesia branca reservando-se e preservando suas origens, porém, apesar de não ser um militante das questões abolicionistas, Machado de Assis, em seus romances e em especial a trilogia Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) Quincas Borba (1892) e Dom Casmurro (1900), critica alguns valores sociais como a desonestidade de uma sociedade, o orgulho e o egoísmo, este último, sendo considerado por ele como um defeito comum à raça humana do qual ele próprio, dizia-se possuidor.

Brookshaw aborda em sua pesquisa outro nome importante da literatura do século XIX: Cruz e Souza. Escritor negro que sofreu influência do Simbolismo alemão e que também tentou ocultar suas origens humildes. Cruz e Souza parecia fazer de sua escrita uma forma de redenção racial, sugerindo um branqueamento, um ideal que torna sua poesia um tanto quanto complexa e original.

O branco apresentado em sua poesia corresponde a algo como o céu, o luar, a neve e as estrelas, enquanto o preto representava as coisas ruins, o limo, a lama, o caos e o sofrimento. A mulher branca era símbolo de suprema beleza. Uma deusa que não havia nascido de um ser mortal. A partir deste símbolo idealizado, o escritor, parecia criar sua própria auto aversão. Sua escrita é condicionada a padrões europeus e ele acreditava no mito bíblico de que os negros descendem de Caim, portanto, um povo amaldiçoado por Deus.

Cruz e Souza assim como Machado de Assis, pareciam detentores de um desejo em atravessar a linha do comportamento compensando características físicas em perfeição intelectual.

Nesta cena literária surge Lima Barreto, classificado como opositor consciente da linha do comportamental, chegando a propor um movimento literário “negrista”. Escrevia sobre os habitantes mulatos do subúrbio do Rio, isso, no início do século XX. Na opinião de Gilberto Freyre, Lima Barreto era obrigado a ressaltar sua cor,

pelo fato dele não ter tido a mesma “sorte” que Machado de Assis. Era muito pobre, porém, autodidata que não dependeu de indicações. Não alcançou a ascensão social como Machado de Assis, porém, não ficou devendo favores. Talvez isso explique sua literatura livre e honesta. Seus romances são permeados de uma consciência social que o tornam único como escritor afrodescendente, bem como, pioneiro dos romances do realismo social das décadas de 30 e 40. Lima Barreto foi o primeiro a escrever sobre o preconceito racial sem nenhuma cerimônia.

É através de sua conscientização da dependência que os governantes brasileiros tinham dos aspectos mais simples e superficiais da cultura europeia, na verdade, da aparência e não do conteúdo desta cultura, que o herói de Barreto chega a um entendimento mais profundo da autenticidade de sua própria identidade e de sua própria lealdade social e cultural. (BROOKSHAW, 1983, p. 167).

2.1 As relações raciais no Brasil

É fato perceber que nos dias atuais, a participação de escritores negros na literatura aumentou, porém, para entender a discriminação e o processo de inserção do negro é preciso entender o contexto histórico aos quais os negros foram submetidos.

Edward Telles, (2003) aponta como as ramificações do passado (séc. XIX e início do séc.XX), perpassam a sociedade brasileira até os dias atuais, bem como, levanta a questão da preocupação da elite branca (os donos dos meios de produção) com relação à miscigenação e os rumos que o Brasil tomaria após a suposta “liberdade” dos negros, “propondo” desta forma, a política de branqueamento que reafirmava a supremacia branca.

É fato que o processo da miscigenação foi marcado por antagonismos entre várias frentes, ora negativa, aliada a ideia de degeneração (Nina Rodrigues, 1880), ora positiva, com relação ao desenvolvimento e sustentação do capitalismo (Gilberto Freire, 1930).

O estudo sobre raça no Brasil teve seu início no final do século XIX ao mesmo

tempo em que ocorria o processo da abolição. Existia uma grande preocupação com relação à raça e o futuro do Brasil, os abolicionistas não estavam muito preocupados com questões humanistas e sim com o desenvolvimento tecnológico e econômico do país.

Os anos 30 foram efervescentes para a questão da miscigenação que naquela época trazia uma conotação pejorativa. O eugenista Renato Kehl (1933), por exemplo, defendia a esterilização dos degenerados e acreditava que a miscigenação resultava no subdesenvolvimento da sociedade. A política eugenista tinha o apoio e incentivo do Estado e outras instituições sociais.

Já Freire (1933), fez com que a mescla das raças tornasse ponto central na identidade nacional, através de sua grandiosa obra Casa Grande e Sanzala (1933) que marcou a literatura naquele momento. Freire argumentava que o Brasil era único dentre as sociedades do ocidente em razão da fusão dos povos e culturas europeias, indígenas e africanas. Sua obra apresenta a tese da convivência cordial entre brancos e negros na história do Brasil, dando elementos para a construção do “mito da democracia racial” brasileira.

A ideia de “Democracia Racial” no Brasil partia do pressuposto de que aqui não havia racismo, pois não havia segregação. Porém, posteriormente a abolição, muitos estrangeiros foram trazidos com o intuito de branquear a população. Eles recebiam pagamento e a terra para plantar. É com base nesta miscelânea que Donald Pierson, acadêmico dos anos 40, concluiu que o Brasil era uma “sociedade multirracial de classes”.

Ao contrário do Brasil, os Estados Unidos, sempre adotaram a política de segregação, ou seja, uma forma de institucionalizar o racismo. Isso contribuiu de alguma forma para que os negros americanos pudessem se organizar melhor ocupando mais espaços, exigindo mais direitos e participando efetivamente na economia do país.

No Brasil, vários acadêmicos contribuíram para fortalecer e reacender a discussão sobre a questão racial e igualdade. Assuntos como a reforma agrária já eram

discutidos por (André Rebouças, 1864) numa época em que a monarquia reinava imbuída de sua soberania.

Em resposta ao mito da “Democracia Racial” Florestan Fernandes na década de 50, concluiu uma pesquisa onde afirmava que o racismo era sim, difundido na sociedade Brasileira, contrariando a imagem internacional do Brasil de democracia racial. Ele aponta a subordinação dos negros em relação aos brancos após a abolição, caracterizada pela exclusão, bem como, o capitalismo, como fator reforçador excludente.

As políticas afirmativas começam a fazer parte deste contexto para mostrar o quanto é necessário, de alguma forma, uma política de reparação a fim de recompensar os negros pela discriminação ocorrida no passado, criando oportunidades e condições de concorrência nivelada.

É importante estarmos atentos que a lei 10.639/2003 é fruto dos Movimentos Negros que desde a década de 50 (ainda não reconhecidos academicamente), vêm se mobilizando de forma organizada, pressionando vários órgãos da sociedade e produzindo materiais que abordam a desigualdade e o racismo de uma forma bastante significativa.

Os protestos, as caminhadas, as marchas, que tiveram seu início nos anos 70 perpassam pela história, crescendo gradativamente e se consolidando mediante as mudanças sociais de cada época.

Se antes a discussão da questão racial ficava só no campo cultural, hoje ela abrange, além disso, a questão das desigualdades raciais e ganha cada vez mais à participação da sociedade civil e a força do poder público.

É possível perceber vários setores da sociedade ligados aos movimentos negros, um deles, muito significativo que é o sindicato dos trabalhadores já nos anos 80, que resultou numa aliança cada vez mais forte e institucionalizada. A adesão de militantes políticos como Benedita da Silva, também contribuiu para que cada vez

mais a discussão fosse levada para o interior dos gabinetes. As influências e intervenções internacionais dos direitos humanos, bem como outros movimentos sociais também apresentam um importante papel neste contexto.

2.2 A educação e as relações étnico-raciais

Desde a década de 30 a pesquisa na educação vem se fortalecendo e propondo ações e discussões acerca das distintas mudanças sociais e econômicas que perpassam o campo da educação no Brasil.

Neste contexto, foi necessário pensar uma política educacional que sustentasse as várias mudanças e exigências de um mercado cada vez mais carente de intervenções.

Posteriormente, outras instâncias foram se consolidando, entre elas, o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais – INEP, 1930 – com o objetivo de realizar levantamentos da situação educacional do Brasil e conseqüentemente, esses levantamentos deveriam subsidiar a reforma do ensino e ajudar na implementação de cursos de pós-graduação.

Em seguida, a ANPEd – Associação que visa o desenvolvimento e a consolidação do ensino de pós-graduação e da pesquisa na área da educação, estando ligada a questões políticas e científicas.

Em 2005 a ANPEd cria o GT 21 - grupo de trabalho referente aos estudos da Educação e Relações Étnico-Raciais cujas produções científicas são diretamente relacionadas ao tema.

Um dos estudos abordados pela ANPEd desde a década de 80, está no campo dos estereótipos, que “reunia pesquisadores preocupados com a imagem dos Afro-brasileiros veiculados pelos veículos de comunicação de massa, como a televisão e a mídia em geral. Entendiam eles que, tanto a televisão como os jornais e revistas competiam com a escola na formação e veiculação dos estereótipos negativos em

relação à população Afro-brasileira” e não só os estereótipos, mas também as relações de poder e hierarquização entre brancos e negros que perpassam pela literatura bem como as interpretações e as formas de abordagem.

O estudo dos estereótipos é muito complexo e também um campo muito vasto para discussões, pois eles podem ser tanto a causa como efeito de um pré-julgamento em consequência do grupo a que o indivíduo pertence. O estereótipo é uma forma de controle social.

Neste cenário, a autora Dagmar E. Estermann Meyer afirma que:

(...) raça/etnia e nacionalidade, são marcadores sociais que estão profundamente envolvidos com processos de construção de diferenças e identidades culturais que aprendemos a aceitar como naturais e imutáveis e que estão na base da produção de muitas desigualdades sociais (MEYER, 2002, p. 61).

O currículo escolar pode e deve ter um papel transformador no campo das relações raciais uma vez que podemos nomeá-lo, a meu ver, como a espinha dorsal da escola com suas intervenções e implicações. Posteriormente, as práticas pedagógicas que, aliadas ao currículo, podem, dentro do ambiente escolar, reforçar e apresentar estereótipos raciais criados ao longo do tempo seguidos de ideias preconceituosas impostas como verdades absolutas, naturais e imutáveis.

O professor, infelizmente, poderá ser o mediador dos estereótipos na medida em que não enxergar seus instrumentos pedagógicos como formas de ação e reflexão.

3. METODOLOGIA

Optei por uma apresentação das questões orientadoras da oficina em *power point*, porque possibilita um dinamismo durante a oficina, que foi ofertada para cerca de 30 pessoas.

Na medida em que as pessoas iam entrando na sala, recebiam um programa falando um pouco sobre o trabalho que iria ser desenvolvido naquela manhã bem como uma cópia da lei 10.639/2003. O ambiente também contou com uma bela exposição do kit de livros de literatura-afro.

O trabalho foi iniciado com a exibição do filme “Vista a Minha Pele” de Joel Zito Araújo do ano de 2004, que traz na trama a inversão de papéis onde uma menina branca sofre com o preconceito e a discriminação racial no mundo dos negros que representam a classe dominante.

As questões raciais relatadas no filme permitem-nos pensar sobre nossa própria realidade e como o preconceito está impregnado na sociedade brasileira.

Posteriormente a exibição do filme, foi feita uma breve apresentação do Curso de Especialização em Educação e Relações Étnico-Raciais, ofertado pela UFMG em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, como forma de situar os participantes da importância de estarmos ali para falar sobre um tema tão presente na vida de cada um e, contraditoriamente, ignorado.

A resposta dos participantes após a exibição foi muito positiva, tanto que viam a possibilidade de trabalhá-lo em sala de aula.

Logo após, iniciamos a apresentação do *power point* que, num primeiro momento, propositadamente, trazia várias imagens negativas de como o negro foi e ainda é abordado na literatura. Foram usados também alguns textos e pinturas famosas como as de Debret, pintor francês do séc. XIX.

A intenção era polemizar questões numa ação diagnóstica sobre a percepção

dos participantes com relação ao tema e como ele percebe ou não a inserção do negro na literatura.

A discussão foi intensa, muitos faziam comentários relacionados a conflitos em sala de aula, outros comentavam sobre experiências pessoais ou histórias vividas por outras pessoas.

Pontos de análises:

- Estereótipos
- Textos
- Desumanização/humanização
- Caricaturas

Foco: produzir reflexões acerca de uma discussão.

“Estereótipos congelam a personalidade, apagam a individualidade, dotando o receptor com características que se adaptam ao ponto de vista à priori do percebido em relação à classe social ou étnica (...)” (BROOKSHAW, 1983, p. 10).

Num segundo momento, ainda em power point, foram apresentadas imagens positivas dos negros, imagens estas, capturadas em sua grande maioria, dos kits de literatura africana, a intenção aqui, era trabalhar sob a ótica da reconstrução e valorização dos personagens observando as reflexões.

Pontos de análises:

- O negro associado a sua identidade – família
- Aceitação, pertencimento e reconhecimento racial.
- Raízes e costumes

Posteriormente aos estudos, foi sugerido aos participantes que cada um escolhesse um livro, um conto ou uma imagem para trabalhar com seus alunos em sala de aula, levando em consideração todos os pontos de análise.

3.1 Procedimentos e sujeitos envolvidos

O Plano de ação foi pensado e elaborado com o propósito de se trabalhar com os professores, monitores e acompanhantes do programa inclusão (portadores de necessidades especiais), na semana da Consciência Negra, o que posteriormente, acabou não acontecendo, pois, em decorrência da dificuldade em conciliar horários e a agenda escolar, o plano de ação acabou acontecendo em dezembro na última semana de aula.

O Plano de ação iniciou-se com um levantamento para saber quantos e quais livros relacionados com a temática racial, a biblioteca dispunha. Através de uma listagem de todos os kits de literatura-afro entregues às Escolas da Rede Municipal desde 2004, foi possível fazer uma pesquisa e envolver alguns dos títulos no processo da ACPP. Alguns na captura de imagens positivas, que apresentavam o negro como protagonista ou como um personagem comum do cotidiano de qualquer criança. Outros na exposição que foi montada para a oficina.

Figura 1: exposição de alguns títulos.

Fonte: arquivo pessoal



É importante salientar aqui, que nem todos os títulos escolhidos para fazerem parte do Kit de Literatura-Afro, correspondem ao que chamamos de valorização e positividade do negro. É preciso estar atento e ter um pouco mais de sensibilidade

ao escolher um título, pois, alguns, infelizmente, ainda retratam o personagem negro na condição de submissão ou são carregados de estereótipos. O mercado editorial, talvez, seja um dos grandes vilões a ser combatido na luta contra o racismo.

Posteriormente ao levantamento de títulos, a segunda etapa do Plano de Ação: a colagem de cartazes no quadro de avisos da sala dos professores. Estes cartazes continham imagens extraídas de várias fontes como, livros, pintura e internet e que apresentavam a imagem do negro sobre o prisma do estereótipo.

Eles foram sendo dispostos de maneira gradativa de forma a chamar atenção do público alvo para o tema em questão.

A cada três dias, um novo cartaz era exposto trazendo uma imagem diferente e um pequeno texto chamando à reflexão. E assim sucessivamente com outras imagens e textos.

Figura 2: cartaz de mobilização.

Fonte: <http://escola-e-recreio-6b-2011-2012.blogspot.com.br>



**O que esta imagem diz pra você?
Vamos conversar sobre isto?**

Durante o recreio foi possível observar que as pessoas conversavam a respeito da imagem e das perguntas que eram feitas, foi possível inclusive, ouvir alguns professores comentando alguns casos que, de certa forma, fazia referência ao racismo ou preconceito.

Figura 3: cartaz de mobilização.

Fonte: não identificada



O que esta imagem diz pra você?

Vamos conversar sobre isto?

O último cartaz foi informativo e divulgava o horário e local da oficina, bem como, convidava o público alvo a participar.

Outro fator importante na realização da oficina foi a dificuldade em conseguir conciliar uma data e posteriormente um horário em que todos os professores pudessem participar.

A parceria bem sucedida com a coordenação da escola foi de grande importância

para viabilizar a realização da oficina, tendo um papel importante na interlocução entre biblioteca e direção (que naquele momento passava por um período de transição).

As eleições para a nova gestão estavam próximas e os ânimos bastante exaltados. Cogitou-se até a ideia de não fazer a oficina em novembro por causa da incompatibilidade de agenda e sim, no início do ano de 2012. Porém com tantos percalços a oficina, finalmente, foi marcada para o dia 14 de dezembro de 2011, última semana de aula.

A oficina aconteceu na sala de vídeo, uma sala maior que pudesse abrigar um número maior de pessoas. Os mesmos cartazes que foram afixados na sala dos professores anterior a oficina como chamarizes, foram colados na sala citada acima, para que o público pudesse se lembrar do tema em questão, bem como, uma exposição de livros montada não só para elucidar o evento, mas também, para que eles pudessem ser citados e comentados no decorrer da exibição do power point.

Figura 4: cartazes da sala da oficina.

Fonte: arquivo pessoal



Após a exibição do filme “Vista a Minha Pele”, citado anteriormente, foi feita uma sondagem a respeito da lei 10.639/2003. Através desta sondagem, foi possível detectar que algumas pessoas já tinham ouvido falar, porém outras, por incrível

que pareça, até aquele momento, não tinham conhecimento.

A partir desse levantamento, coloca-se a seguinte pergunta: como pode uma lei do ano de 2003 ainda ser novidade no ambiente escolar no ano de 2011?

Apesar deste curso de especialização ser uma grande prova de que há um investimento real com relação à temática, talvez ele pudesse ter sido oferecido alguns anos atrás o que pode ser comprovado nos questionamentos dos próprios professores:

“Como “ensinar” algo que nós não aprendemos?”.
--

“Onde estão os cursos de capacitação?”
--

Em seguida a esta discussão, iniciou-se a exibição das imagens dos estereótipos raciais e paralelamente, fomos pontuando algumas questões e até mesmo fazendo referências a muitos casos de conflitos raciais que acontecem no interior da escola.

Figura 5: pintura de Debret, sec. XIX.

Fonte: <http://turmasdatarde2011.blogspot.com.br>



A participação do público alvo foi riquíssima e o mais interessante foi perceber a interação dos participantes. Eram professores do início e final do ciclo, coordenadoras, os acompanhantes dos alunos da inclusão que por sua vez,

alguns, eram também estudantes de pedagogia e os monitores da escola integrada que além de estudantes são, também, moradores da comunidade.

Figura 6: momento de discussão exposição de opiniões.

Fonte: arquivo pessoal



O resultado foi muito satisfatório. Debates foram surgindo ao longo da oficina e o objetivo que era trazer uma reflexão acerca dos estereótipos retratados na literatura foi atingido, bem como lançar a possibilidade de se fazer uma nova leitura a cerca dos estereótipos apresentados não só na escola, mas no cotidiano da sociedade brasileira.

Figura 7: falando sobre desumanização de personagens.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 8: momento de discussão e exposição de opiniões.

Fonte: arquivo pessoal



As imagens positivas dos negros, retratadas nos livros dos kits de literatura-afro, foram também exibidas bem como a apresentação dos livros que compunham a exposição. Novas possibilidades e uma nova perspectiva no sentido de trabalhar a questão da identidade, cultura, valores e pertencimento racial surgiram naquele

momento.

Figura 9: O cotidiano de uma família negra.

Fonte: livro Feliz aniversário Jamela.

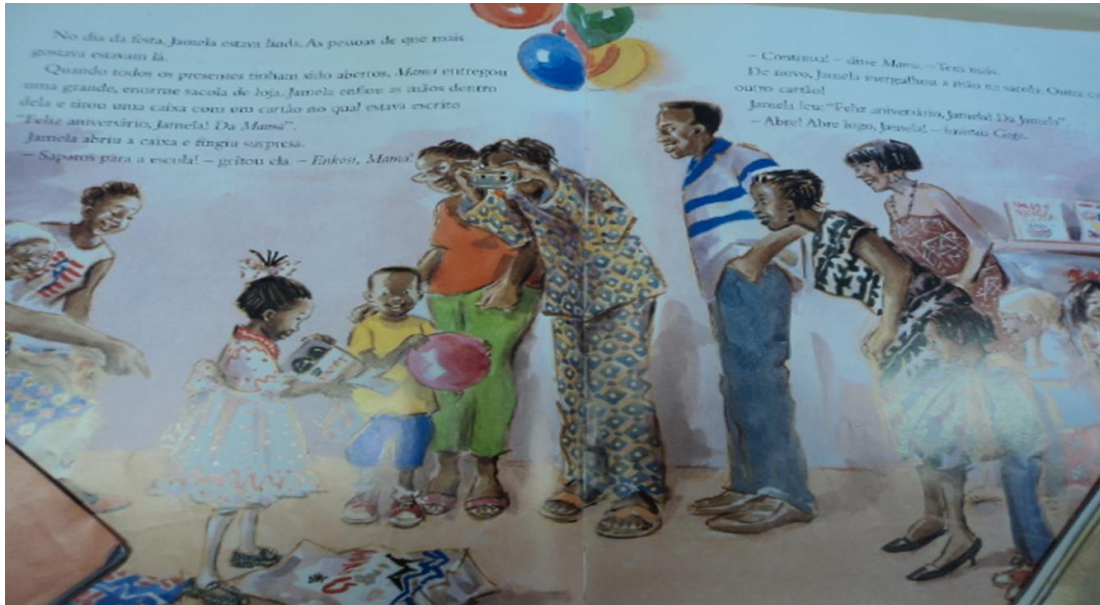


Figura 10: Falando de Raízes

Fonte: livro "Capoeira"

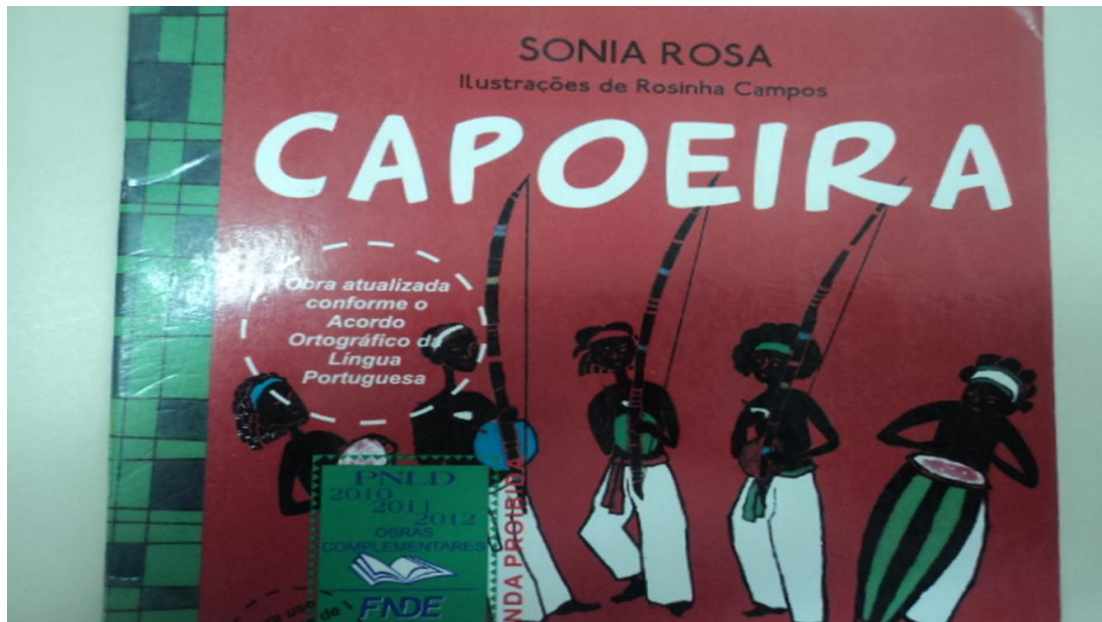


Figura 11: falando sobre ancestralidade e reconhecimento.

Fonte: livro: “Betina”



Algumas frases citadas no decorrer da oficina não poderiam deixar de serem registradas:

“A aluna tinha o cabelo ruim.”
“As pessoas não estão preparadas para ver um negro num cargo de chefia.”
“Nós tentamos uma vez criar um grupo aqui na escola pra trabalhar essa temática, mas não foi pra frente.”
“Hoje, acontece o inverso comigo, dou mais atenção para as crianças negras do que para as brancas.”
“Mas agora só vai falar da história dos negros?”

3.2 Resultados

É possível fazer uma avaliação bastante positiva no sentido da participação do público alvo na oficina. A discussão foi muito válida, uma vez que, as pessoas opinaram, colocaram suas questões para o grupo e se posicionaram.

Outro ponto bastante positivo e de altíssima relevância, é conhecer, no ambiente escolar, pessoas que fazem a diferença, que são interessadas e se comprometem com o tema em questão. A nova gestão (no momento da realização da oficina a eleição já havia sido concretizada) abraçou a causa entendendo que o assunto das relações raciais é importante. Tão importante que o tema foi introduzido no planejamento de 2012 como o “Estudo das Africanidades”.

O tema em questão através deste planejamento poderá ser contemplado com uma visão mais crítica dos participantes da oficina acerca das imagens e informações contidas nos livros de literatura e também do livro didático.

Vale aqui lembrar o quão é importante o currículo e que ele pode e deve ser movimento, ou seja, se adequar as várias necessidades e multiplicidades que exigem a sociedade brasileira e também a escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho e do curso de Educação e Relações Étnico-Raciais está sendo possível perceber claramente, o quanto ainda, temos um “problema” e o quanto precisamos trabalhar para saná-lo ou pelo menos minimizá-lo.

O tema das relações étnico-raciais precisa continuar sendo discutido e disseminado para que num futuro próximo possamos fazer das relações humanas e sociais um pouco mais igualitárias e também solidárias tendo a escola como cenário principal de difusão e mudança de mentalidade.

A distribuição do kit de literatura-afro nas escolas é uma possibilidade de discutir as desigualdades raciais, bem como uma forma de contar uma outra história.

É sabido que a inserção dos negros em diversos setores da sociedade vem aos poucos, apresentando-se de forma positiva. Assim também, vem acontecendo na literatura, através de autores afro-brasileiros contemporâneos preocupados e engajados na luta pela valorização do negro, como Luiz Carlos Amaral em *Atabaques*, 1983, Luiz Silva em *Quilombhoje*, 1980, Edimilson de Almeida Pereira em *Negras Raízes Mineiras: os Arturos*, 1988, e outros.

Estes autores buscam fazer uma nova leitura a respeito do negro e a sua grande contribuição no desenvolvimento da sociedade brasileira contando uma história capaz de revelar o que foi ocultado intencionalmente e politicamente de forma a impedir a ascensão econômica, social e cultural do negro no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOKSHAW, Davi. **Cor e Raça na Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

GOMES, N. L e SILVA, P. G. **Experiência étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Agir, Sinergia. 2007

RIOS, Flávia. **O protesto negro no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Lua Nova, 1985: 41-79, 2012

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Reexistência negra e escravidão na educação das relações étnico-raciais. In. DALBEN, Ângela Imaculado L. de F.; Maria de Fátima C. Gomes. **Formação continuada de docentes da educação básica: construindo parcerias (LASEB)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 113-130.

SILVA, Ana Célia. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. Edufba, 2004

SOUZA, Florentina. **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

TELLES, Edward. Da Supremacia Branca à Democracia Racial. In.:TELLES, E. **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 2003.

In.: GOMES, N. I e SILVA, P.G. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

Sites Consultados:

<http://www.anped.org.br>

<http://www.inep.gov.br/>

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>

6. ANEXOS

Apresentação em *power point*

Pós-Graduação UFMG: Curso de Especialização em Educação e Relações Étnico- Raciais

Projeto Intervenção
Na Escola

- “Desconstruindo os estereótipos negativos dos personagens negros na literatura e as possibilidades da valorização através do Kit de Literatura-Afro.”

Lei 10.639/2003

- A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana na Educação Básica.
- Essa lei foi resultado de longas lutas e pressões do(s) Movimento(s) Negro(s) no Brasil e também devido às influências e pressões internacionais como os Direitos Humanos e movimentos sociais.

Figura 12

Fonte: <http://escola-e-recreio-6b-2011-2012.blogspot.com.br>

“Democracia Racial:” será?



- A idéia de “Democracia Racial” no Brasil parte do pré-suposto de que aqui não havia racismo, pois não havia separação como nos E.U.A, que adotaram a política de segregação, ou seja, uma forma de institucionalizar o racismo.

Desconstruindo os Estereótipos dos Personagens Negros na Literatura.

Definição de Estereótipo segundo Dicionário Aurélio:

- **s.m. Comportamento desprovido de originalidade e de adequação à situação presente, e caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal.**

- “Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro.” (Ana Célia da Silva)

Figura 13

Fonte: <http://www.rotamogiana.com>

O trabalho subalterno Ama-de-leite



- “O estereótipo do negro estigmatizado em papéis de baixo prestígio social, contribui, em grande parte, para que as pessoas de pele clara tenham adquirido o senso comum de que os negros não têm papéis e funções diversificadas e que esse é seu lugar na sociedade, bem como para que muitos negros no passado interiorizassem essa representação e aceitassem como natural a estigmatização, como o “seu lugar” na sociedade.” (Ana Célia da Silva)

Figura 14

Fonte: <http://turmasdatarde2011.blogspot.com.br>

O trabalho pesado Pintor: Debret



Desumanização

- Caracteriza-se pela ausência de nomes próprios, sem vínculos familiares e muitas vezes associados a animais, tanto em imagens quanto nos textos.
- Ex.: “LÁ ISSO É – RESMUNGOU A PRETA, PENDURANDO O BEIÇO.” (Caçadas de Pedrinho, Monteiro Lobato, p.21)

Figura 15

Fonte: <http://www.jornalagora.com.br>

Tia Nastácia



- “TIA NASTÁCIA, ESQUECIDA DOS SEUS NUMEROSOS REUMATISMOS, TREPOU QUEM NEM UMA MACACA DE CARVÃO PELO MASTRO DE SÃO PEDRO.”

(Caçadas de Pedrinho, Monteiro Lobato, p. 23)

Figura 16

Fonte: livro “A botija de Ouro”

Não identidade

Era uma vez uma escravinha que não tinha nome.
Quando ela foi comprada, esqueceram de perguntar o nome dela.



- É natural a não aceitação diante das imagens dos negros que ainda são apresentadas. E não só as imagens, mas também os textos, que muitas vezes ainda colocam o negro na posição de inferioridade.

Figura 17 e 18

Fonte 1: livro “A botija de ouro”

Fonte 2: Miss Universo Angolana 2011 <http://fashioniscool.com/tag/miss-universo>

“Estética?” De que beleza vamos falar?



A beleza pautada...

- Na construção de uma imagem positiva de si mesmo.
- Na ideia de que ser diferente não significa ser desigual.
- Na auto-aceitação que possibilita a descoberta do poder, da capacidade, do orgulho e da própria beleza.
- Na conscientização de suas raízes.

Figura 19:

Fonte: não identificada

Não identificação/ Não reconhecimetro

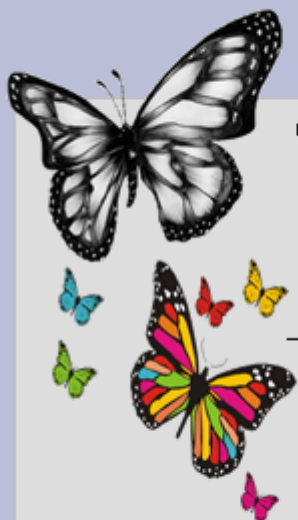


Aceitação/ Pertencimento

- É de suma importância que as crianças negras ou não, tenham contato com livros, músicas e outros materiais que possibilitem a valorização das diferenças e questionem os estereótipos, bem como, a quebra de preconceitos e ideias cristalizadas dos valores impostos como verdade.

- É natural a rejeição a algo considerado ruim. A rejeição aos cabelos crespos por muitas crianças e adultos negros é resultado da atribuição de ruim que lhes é imposta pelo estereótipo, bem como os exageros nas características físicas dos personagens.

A borboleta



De manhã bem cedo
uma borboleta saiu do casulo.
Era parda e preta.
Foi beber no açude.
Viu-se dentro da água
e se achou tão feia
que morreu de mágoa.
Ela não sabia bobal
– que Deus deu para cada bicho
a cor que escolhe.
Um anjo a levou,
Deus ralhou com ela,
mas deu roupa nova:
Azul e amarela.

Odilo Costa Filho
(Livro didático Aprenda Comigo, 2ª Série, p.12).

Novo olhar

- “Desmontar a ideologia que desumaniza pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico-racial e da auto-estima da criança negra, com consequentes efeitos positivos na sua aprendizagem.” (Ana Celia da Silva)
- Trabalhar a desconstrução desses personagens na literatura é oferecer ao aluno uma possibilidade de identificação, reconhecimento, pertencimento racial e a percepção de que ser negro também é bom.

Kit de Literatura-Afro Brasileira

- Desde de 2004, o kit de Literatura Afro Brasileira vem sendo introduzido nas Escolas Municipais.
- Através desses livros é possível saber um pouco mais sobre a cultura africana e sua influência sobre a cultura brasileira, bem como a inserção do negro na literatura e sua participação efetiva como protagonista de sua história e não o objeto dela.

As várias possibilidades



Figura 20

Fonte: livro "Betina"

"Ancestralidade" Betina



- A história e os costumes contados de geração em geração.
- A ancestralidade. Memórias que ficaram marcadas no corpo e na alma do africano trazido para o Brasil.

- A contação de histórias
- A culinária com seus temperos
- As tranças nos cabelos
- Os tecidos coloridos

Figura 21

Fonte: livro “o que tem na panela Jamela?”.

A família “O que tem na panela Jamela?”



Figura 22

Fonte: livro “Feliz aniversário Jamela”



Figura 23

Fonte: livro “Capoeira”



- Congadas

- Maracatu

- Boi-Bumbá (Bumba-meu-boi)

- Religiões de Matrizes Africanas

- Música (Música Negra, Música do Mundo)

“Para os escravos, o tambor era fator de união. Ao redor dele e seguindo seu ritmo, os escravos se comunicavam.” (Nei Lopes)

Os Heróis Negros existem?

- Zumbi dos Palmares – sinônimo de resistência e luta contra a escravidão.
- Chico Rei – Nascido no Congo – alforriou mais de 400 escravos trabalhando na mineração.
- Nelson Mandela – guerreiro na luta contra o Apartheid na África do Sul – ficou preso durante 30 anos considerado terrorista.
- Martin Luther king Jr. - líder do movimento dos direitos civis dos negros nos E.U.A e no mundo.
- João Cândido – líder da Revolta da Chibata (Marinha)

Figura 24

Fonte: livro "O Racismo explicado aos meus filhos"



Figura 25

Fonte: livro "Mulheres Negras do Brasil"



Figura 26

Fonte: livro: “Falando Banto”



Figura 27

Fonte: títulos do acervo da biblioteca escolar



Referências Bibliográficas

- **BOOKSHAW**, Davi. *Cor e Raça na Literatura Brasileira*. 1983
- **TELLES**, Edward. *Da Supremacia Branca à Democracia Racial*. In.: *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará.
- **SILVA**, Ana Célia. *A Discriminação do Negro no Livro Didático*. Edufba, 2004.
- **LOPES**, Nei. *História e Cultura Africana e Afro-Brasileira*. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.